

# A IMPORTÂNCIA DO OUTRO PARA A CONSCIÊNCIA DE SI: O PAPEL DO PSICOTERAPEUTA

## THE IMPORTANCE OF THE OTHER TO SELF CONSCIOUSNESS: THE ROLE OF THE PSYCHOTHERAPIST

Ivania Cristina Beleti<sup>1</sup>  
Ubiraci Silva Botelho Pauliv<sup>2</sup>  
Sylvia Mara Pires de Freitas<sup>3</sup>

BELETI, I. C.; PAULIV, U. S. B.; FREITAS, S. M. P. A importância do outro para a consciência de si: O papel do psicoterapeuta. *Akrópolis* Umuarama, v. 19, n. 2, p. 77-87, abr./jun. 2011.

**RESUMO:** O presente artigo busca realizar uma reflexão sobre a importância do papel do psicoterapeuta enquanto o Outro na psicoterapia existencialista. O reconhecimento de si passa antes pelo olhar do Outro, haja vista que o homem só se apropria de seu Ser a partir do olhar daquele que não é ele. Neste artigo, pontua-se o lugar do psicoterapeuta enquanto o Outro capaz de facilitar a conscientização do cliente de seu Projeto de Ser. Esta proposta de reflexão advém das discussões nas orientações e práticas de estágio supervisionado em atendimento psicoterápico a adultos e pessoas de terceira idade, vivenciadas no ano de 2010, quando da realização da disciplina de Estágio Supervisionado Específico I, no 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense (Unipar), campus Umuarama, Paraná/Brasil, as quais nos instigaram um aprofundamento na reflexão da relação Eu - Outro dentro do espaço psicoterapêutico, a partir da importância da figura do psicoterapeuta. No entanto, concluímos também, que, mesmo tendo sua grande importância nesse contexto, o psicoterapeuta não é o único capaz de ajudar o cliente a obter a consciência reflexiva sobre as escolhas que faz de si, mas por meio desta relação específica, também se pode auxiliar o cliente a reconhecer-se por intermédio do olhar de outras pessoas com que, interage em seu cotidiano. Mas, para tal feito, deve-se admitir a alteridade, ao reconhecer as diferenças e diversidades entre si [cliente] e os outros, bem como a interdependência de suas relações. Assim, poderá ampliar o contexto que propicia a conscientização de sua síntese enquanto existente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Outro; Relação Terapêutica; Psicoterapia existencialista.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect about the importance of the role of the psychotherapist being the Other in the existentialist psychotherapy. The recognition of a person passes before by the gaze of the Other, considering that man only appropriates of his being from the gaze that is not of him. This article points the place of the psychotherapist while the Other able to facilitate the awareness of the client of his Project of Being. This proposal of reflection comes from discussions in the guidelines and practices of supervised internship in psychotherapy to adults and the third age, experienced in 2010 during the carrying out of the Specific Supervised Training I subject, in the 4th year of Psychology at the University Paranaense (UNIPAR) Umuarama campus, Paraná / Brazil, which has inspired us a deeper reflection of the relation I - Other within the psychotherapeutic space, from the importance of the psychotherapist role. However, we also concluded that, even with the great im-

<sup>1</sup>Discente do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. E-mail: ivania\_beleti@hotmail.com. End. Rua Cambé, 4496. Residencial Porto Seguro, apto 31. Zona II. CEP: 87502-160.

<sup>2</sup>Discente do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. E-mail: birapauliv@hotmail.com. End. Rua Voluntários da Pátria, 1270. Jardim Aratimbó. CEP: 87505-110.

<sup>3</sup>Psicóloga. Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUC/RS. Especialista em Psicologia do Trabalho pelo Centro Universitários Celso Lisboa (CEUCEL/RJ). Formação em Psicoterapia Existencial pelo Núcleo de Psicoterapia Vivencial (NPV/RJ). Docente e Orientadora de Estágio em Psicologia Clínica e de Grupo, na abordagem Fenomenológico-Existencial e Co-coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia Fenomenológico-Existencial da Universidade Paranaense – UNIPAR/Umuarama – Paraná. Docente-orientadora de Estágio em Psicologia do Trabalho, na Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). E-mail: sylviamara@gmail.com. Av. Mascarenhas de Moraes, s/n. Universidade Paranaense, Campus sede Umuarama, Paraná – Colegiado do curso de Psicologia.

portance in this context, the psychotherapist is not the only one able to help the client get the reflective consciousness about the choices they make themselves, but through this specific relationship, can also help the client to recognize themselves through the eyes of other people who interact in their daily lives. But for this to happen, it must be admitted to otherness, to recognize the differences and diversities between them [client] and others, as well as the interdependence of their relationships. So it can extend the context that promotes the awareness of its synthesis as a person who exists.

**KEYWORDS:** The other; Relationship therapy; Existential psychotherapy.

## INTRODUÇÃO

Partindo das reflexões filosóficas de Sartre (2001) dentre as quais pontuam a importância do Outro para que possamos nos reconhecer, transpomo-las para o contexto psicoterapêutico, refletindo sobre o lugar do terapeuta como o Outro que subsidia condições ao cliente para o reconhecimento e apropriação do seu projeto de Ser, bem como a importância do Outro para atingir tal intento. Traçamos o artigo de maneira que o leitor possa se familiarizar um pouco com as ideias sartreanas, para assim melhor compreender o imperativo do lugar do Outro em nossas vidas e, particularmente, no contexto da psicoterapia.

Os indivíduos diferentes entre si, também se apresentam como interdependentes na trama das relações humanas. Por meio de um movimento dialético, eu e o(s) Outro(s) construímos a nós próprios e a um mundo, que logo transformam-se em histórias a serem transcendidas. Nessa dança, não só o mundo é subjetivado, humanizado, ao exteriorizarmos, nosso interior pelas nossas ações, mas também nos objetivamos, nos coisificamos, quando interiorizamos o mundo e, ao dar-lhe um sentido, também damos a nós, haja vista, como bem disse Sartre (2001), o Eu está fora de nós, sendo também intencionado pela nossa consciência e eleito como quaisquer outras coisas no mundo.

E como então conhecer este Projeto de Ser se não for mediante da denúncia do Olhar do Outro? Aquele que nos mostra, por perceber nossas intenções em atos, como escolhemos existir. Diante desta importância do lugar do Outro em nossa vida, acreditamos que devemos repensar também que, além do psicoterapeuta, existem outros diante de mim, o que destitui, de

certa maneira, o lugar de soberania deste profissional, mas não rouba a sua importância ao poder auxiliar o cliente a compreender o valor do Outro. Sendo (o psicoterapeuta) o próprio Outro na relação, coloca-se como necessário e imprescindível ao cliente, ajudando-o também a conscientizar-se de sua síntese enquanto existente.

Antes de adentrarmos nesta discussão específica, levaremos ao leitor um pouco da visão sartreana.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DO EXISTENCIALISMO SARTREANO

É imprescindível focar o fundamento de todo escrito proposto neste artigo, que é embasado especificamente na visão sartreana a respeito do Existencialismo, cuja base se dá a partir da Fenomenologia de Husserl, ponto em que surge o atrelamento da teoria Fenomenológico-Existencial. Forghieri (2002) traz o princípio husserliano de Fenomenologia, que concretamente é o ato de voltar-se às coisas como elas são (às vivências) na tentativa de desvendar o ser do fenômeno, ou seja, como o mundo é significado pelo próprio indivíduo, transcendendo assim, a visão reducionista de uma verdade absoluta. Para tanto, o sentido de coisa é entendido como fenômeno e não como fato. Para clarificar o conceito, a mesma autora (2002) enfatiza a redução fenomenológica (ou *epoché*) que é um recurso metodológico utilizado pela Fenomenologia, a fim de se chegar ao irreduzível:

A redução não é uma abstração relativamente ao mundo e ao sujeito, mas uma mudança de atitude – da natural para a fenomenológica – que nos permite visualizá-los como fenômeno, ou como constituintes de uma totalidade, no seio do qual o mundo e o sujeito revelam-se, reciprocamente, como significações. (FORGHIERI, 2002, p. 15)

Já o Existencialismo, de acordo com Perdigão (1995), emerge da subjetividade humana, é referente àquilo que existe e nos remete ao que poderá existir. Tem seu ponto inicial na investigação a respeito do que existe efetivamente no cotidiano do indivíduo. Erthal (1999) contribui dizendo, ao ratificar o pensamento sartreano, que a característica inicial do existencialismo é de que a existência precede a essência, o que significa que o homem se escolhe constante-

mente, que é um indivíduo o qual não é possível afirmar-lhe essência alguma. Sartre (1984<sup>4</sup> *apud* MONTEAGUDO, 2004) define o homem em um fazer, nada *a priori*, apenas à liberdade, possibilitando-se assim a criação de si mesmo. Tal questão oferece ao indivíduo a liberdade para se criar, se reinventar. Para Sartre (2001) o existencialismo é uma filosofia que torna a vida humana possível, destacando que a liberdade é a existência.

No entanto, ao falar de indivíduo, Sartre (2001) não o descontextualiza, ignorando o mundo. Pelo contrário, a relação homem-mundo, apesar de apresentar-se como contraditória é interdependente. É sobre estas duas regiões ontológicas que falaremos a seguir.

### A Consciência e o Mundo

Sartre (2001) ressalta que o homem está condenado a ser livre. Primeiro ele existe, é livre e responsável por tudo que ele faz ou deixa de fazer. Ao nascer, o homem não tem limite prévio de conduta moral, pois, como dissemos anteriormente, primeiro o homem existe, e em sua vivência mediada com o Outro, constrói gradativamente sua essência. As escolhas que o homem faz para si no presente só se efetivam de fato, porque o homem já se projetou no futuro.

Ainda de acordo com Sartre (2001) a liberdade corresponde à possibilidade de Ser, gerando assim uma total responsabilidade do indivíduo frente a ela, tanto no quesito escolha de Ser, quanto na relação com o mundo, não havendo algo senão o próprio indivíduo se responsabilizar pelos seus atos. Paralelamente vem a angústia, ao se colocar enquanto Ser frente as infinitas possibilidades de escolhas, que denuncia sua condição ontológica de liberdade.

Angerami (2007) relata que a consciência da liberdade é a angústia, e a angústia em sua estrutura essencial é a liberdade. A angústia é a totalidade da existência humana, é reconhecer que as coisas têm o significado que lhes damos, é a individualidade da condição humana. A angústia frente à liberdade surge da necessidade que tem o indivíduo em optar. Complementando, este autor (2007, p. 33) coloca que "A negação da angústia frente à liberdade é a própria negação da liberdade como condição humana".

Prosseguindo com o pensamento de An-

gerami (2007), a angústia da liberdade surge com a consciência de que somos os únicos responsáveis pelos nossos atos. Sendo o homem liberdade, é em tal condição que ele decide sua própria vida, apropriando-se da responsabilidade de suas escolhas. A liberdade é estaque na estruturação da condição humana, a ponto de designar a condição do homem de ser consciente.

Perdigão (1995) corrobora dizendo que a consciência tem na sua condição fundamental o vazio, que vincula sua presença [da consciência] no mundo ao Ser, porém não se identifica especificamente com ele, se encontra na presença dele, entretanto posicionada a certa distância, o que lhe confere a capacidade de significá-lo, bem como tudo que o incumbe. O Ser é fechado em si, preso a si mesmo, o que lhe atribui à expressão Em-Si, que indica toda existência, afora a consciência humana, que exige outra expressão, o Para-Si, tendo em vista a relação de si para si. O Em-Si existe por si só, todavia só pode ser significado pelo Para-Si. Dessa maneira, sempre necessitará da consciência para lhe atribuir o sentido de fenômeno.

Com o processo de fazer-se consciência de si a si, o Ser começa a desintegrar-se, e desliga de Si. Sartre (2001), intitula a consciência, sendo a única aventura possível do Ser. Ao fazer-se consciência, o Ser já não é completamente Si, antes sua identidade era completa, abre-se espaço a uma relação de si para si mesma. O Ser é nada além do que é, e para Sartre (2001) o Nada distancia a consciência do Ser, ou seja, a imposição do Para-Si é estar desatrelado de si e do mundo por um Nada, salientando que o Nada não pode ser entendido como algo que é, assim como é o Ser. O Nada está totalmente inserido num Ser que se materializa e nunca estará fora dele.

O conceito de consciência como proposta ontológica sartreana, traz consigo uma das mais importantes contribuições. Podemos então dizer que a consciência é meramente consciência daquilo que ela não é, com semelhança real a esse objeto. Sartre (2001) prossegue dizendo que a consciência se apresenta de duas formas: uma irreflexiva e outra reflexiva. Frisando que em quaisquer das situações, a consciência tem o movimento de intencionalidade, e é através desta que a consciência é dirigida para algu-

<sup>4</sup>SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril, 1984. Coleção "Os Pensadores".

ma coisa, podendo-se assim dizer que ela é a particularidade da consciência, porque não é o mundo que vem até nós e sim nós que o intencionamos.

A forma mais comum é a consciência irreflexiva, usamo-la constantemente quando, por exemplo, estamos pensando em uma coisa ou outra, sem a necessidade de se fazer uma reflexão sobre a consciência que temos sobre esta coisa que pensamos. Neste caso, o sentido dado pela consciência ao mundo, posiciona-se neste último, o ponto de referência é externo a consciência. Ao contrário da consciência irreflexiva, a consciência reflexiva surge somente quando fazemos uma reflexão sobre o sentido que damos a coisa que captamos, uma vez que, somente com o ato reflexivo, há a criação do Eu, um Eu transcendido pela própria consciência, o que permite o indivíduo se responsabilizar pelas suas escolhas.

Esta transcendência do Eu, diferentemente do Eu Transcendental de Husserl, que seria o Eu que escolhe, é para Sartre (2001) posicionado fora da consciência, está no mundo como todas as outras coisas, uma vez que também é escolhido e significado pelo indivíduo através de sua consciência intencional. No entanto, para existir a consciência reflexiva há a necessidade de existir primeiro a irreflexiva, haja vista que, para podermos ter consciência da consciência que visa algo, precisamos posicionar no mundo, a consciência que conhece, para assim poder captá-la. Mais adiante exploraremos melhor esta temática.

É importante ressaltar que para Sartre (2001) objeto/coisa é a própria objetividade, isso se deve ao fato de que é um ser Em-si mesmo, pois não está relacionado a algo, simplesmente existe. Diferentemente do Para-si, que está ligado à própria subjetividade, sendo sempre consciência de algo. Neste sentido, podemos assim afirmar, que o Para-si sendo subjetividade invade o Em-si que é pura objetividade, o Para-si vem no sentido de afirmar-se como o Ser para consigo mesmo, exprimindo-se de maneira a dar sentido ao mundo, afetando significativamente o humano de forma organizada, colocando assim a consciência no ápice da existência.

O que impulsiona a existência do sujeito é o desejo de Ser, para entendermos tal afirmação resgataremos a função do Para-si. O Para-si nunca se completa, está sempre em busca do objeto, tal objeto para o Para-si se configura no

Em-si. Sartre (2001) compreende que a realidade humana se fundamenta sempre em desejo de Ser, pois como já mencionado, o Ser está em permanente construção, visando um projeto, impulsionado por um vir-a-ser. No intuito do desejo de Ser, cristalizamos esse Ser desejante, ao projetarmos de maneira com que ele venha com a conotação de ser desejo Em-si, mas essa tentativa é infrutífera, pois a consciência jamais transformaria o Em-si. Concomitante vem o projeto, pois o mesmo indubitavelmente nunca se concretiza de fato.

Sartre (2001) ratifica que o homem enquanto consciência caracteriza-se sempre como um ser faltante, sempre estará na busca de possíveis vir-a-ser, os projetos jamais se cessam, isto é, somos uma totalização-em-curso, fecha-se um período e consecutivamente abre-se outro. Enquanto ser consciente, só vislumbro um futuro porque me embaso no passado rumo a esse novo desconhecido. Cabe a consciência a unificação de partes desassociadas, para uma totalização-em-curso. Os projetos futuros servem como mola propulsora da relação dialética.

### **O homem dialético, social e histórico**

Sartre (2002) explicita que a dialética habita o homem, fazendo parte da sua subjetividade de maneira única, em que o Ser se constrói frente aos desafios, rumo ao preenchimento desse interminável vazio, porque somos projetos rumo a outros projetos. Podemos assim dizer, que a práxis vem com a mesma denominação da dialética, no sentido de ser uma totalização-em-curso, sempre no significado de sobrepor algo acabado, objetivado, dando um salto para um novo existir. A eficácia desse projeto futuro diz respeito à própria subjetividade do homem, onde ele ultrapassa a condição atual, desvincula-se do passado, transcendendo para um futuro projetado.

Maheirie e Pretto (2007) contextualizam a dialética a partir da relação que o homem estabelece com o mundo, apontando que a existência do sujeito enquanto singular/universal só pode ser dada através das relações e mediações que fazem parte de seu cotidiano. Desde seu nascimento até sua finitude o sujeito experiência um aprendizado permanente, pois o mundo que ele habita está historicamente situado, sendo assim ele trava uma mediação com esse mundo, a qual se pauta em um movimento dialé-

tico. O homem precisa do mundo para se firmar humano e o mundo precisa do reconhecimento do homem enquanto objeto. Uma vez que falamos de um sujeito singular, com características próprias, o qual pode se rebelar e se opor ao que historicamente lhe imputaram, dando assim um novo direcionamento para a sua vida. Não extinguindo sua universalidade, já que carrega consigo a historicidade da humanidade, sempre disponível a possíveis vir-a-ser.

Dessa maneira, pode-se afirmar que o entendimento dialético sobre o conhecimento se dá por meio das mediações relacionais com a cultura, sujeitos, objetos e com a temporalidade: passado, presente, futuro. Dentro de uma ação contínua, o homem transcende a realidade, deixando sua marca nos projetos individuais e coletivos. Compondo-se assim na história humana, num conjunto de sujeitos singulares dentro de uma sociedade variada.

Na visão sartreana, o homem se constitui mediante as relações, abolindo qualquer indício de essência anterior a sua existência, uma vez no mundo, o homem se desvenda por intermédio da consciência, conseqüentemente ele se firma como Ser, tendo assumido subjetivamente seu projeto individual. Porém, o projeto humano rompe a barreira da subjetividade, pois almeja sempre o que está no exterior, fora de si. Por meio da transcendência saímos do campo subjetivo dos nossos projetos rumo à dimensão da escolha universal. Isto se dá pelo fato de que quando escolhemos um projeto individual, escolhemos também para o Outro, sendo assim, é *mister* enfatizar que toda escolha incumbe responsabilidade.

Maheirie e Pretto (2007), partindo dos pressupostos sartreano, relatam que o ser humano por si só não se basta, ele irremediavelmente necessita da aprovação do Outro para se firmar como Ser no mundo. No primeiro momento ele é liberdade, pois não traz consigo nada *a priori*, e sim, um vir-a-ser. Por isso, Sartre (2001) coloca que o homem é um projeto, está sempre em construção. Na busca de seus projetos e na construção da sua singularidade, o homem depara-se com uma variedade histórica determinada. É importante ressaltar que quando há a escolha de um projeto, escolhe-se também para a humanidade, pois inevitavelmente compete a

relação com o Outro, e é em meio a esse entrelaçamento histórico construído, que o meu Ser no mundo se firmará, iniciando assim um processo de subjetivação e objetivação.

Por ser projeto, o sujeito é definido por um futuro. Em outras palavras, ele se faz no presente, com base num passado e dirigido por um desejo, por aquilo que ainda não é e projeta vir-a-ser. Desse modo, transita a partir de um campo de possíveis sociais e históricos, por meio dos quais visa superar sua objetivação, por meio da subjetivação, em direção a uma nova objetivação. (MAHEIRIE, 1994/2002<sup>5</sup> apud MAHEIRIE e PRETTO, 2007, p. 458)

Mesmo que esse projeto se dê no plano irreflexivo (ou de forma alienada), ele sempre será inerente ao sujeito, pois faz parte de sua constituição, destacando que os projetos só são possíveis no plano do vivido. O que diferencia o meu projeto do projeto do Outro é a minha singularidade.

O homem não pode mudar o seu passado, porém partindo de seu movimento subjetivo ele pode ressignificar tais experiências, fazer-se diferente daquilo que a história tenta fazer dele, num recomeço rumo a um novo projeto almejado.

Perdigão (1995) avança o pensamento exposto anteriormente, complementando que a subjetividade como atributo do Ser não tem recursos para transpor a liberdade que indubitavelmente a encerra, dando assim, abertura para o adentramento da moralidade que se encontra presente no cotidiano das relações, destacando que a ação do homem implica reciprocamente a autorização para que o Outro faça o mesmo. Isso se dá, como já mencionamos anteriormente, pelo fato de que o homem ao se relacionar com outros homens, e por meio deles, ao escolher para si, escolhe para toda a humanidade.

Com isso, há uma obrigatoriedade de existir uma coerência entre aquilo que se faz e a expectativa gerada pela ação perante todos os Outros. Dessa coerência e responsabilidade, nasce a angústia de se ver concernido por todos e ao mesmo tempo absolutamente só.

Sartre (2001) afunila o escrito a respeito da origem das relações concretas com o Outro,

<sup>5</sup>MAHEIRIE, K. **Agenor no Mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994. Coleção Teses.

\_\_\_\_\_. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Revista Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, jan./jun. 2002.

dissertando que as mesmas são integralmente conduzidas por minhas atitudes referentes ao objeto que sou para o Outro. É a existência alheia que revela o Ser que sou, sem que eu me aproprie deste Ser, e tal existência originará duas atitudes paradoxais: o olhar do Outro capta o mistério do meu Ser e tem conhecimento de quem sou, portanto o sentido profundo do meu Ser encontra-se externo a mim, com isso, decorre um movimento de busca da objetividade na tentativa de encontrá-la na figura do Outro, intencionando atribuir-lhe objetividade, já que a sua objetividade extingue a minha para ele. O fenômeno central pauta-se na experiência que sou para o Outro, que explica-se na atitude com relação ao Outro, tal como coloca Sartre (2001, p. 454-455): “A título de consciência, o Outro é para mim aquele que roubou meu ser e, ao mesmo tempo, aquele que faz com que ‘haja’ um ser, que é o meu”.

Para compreensão desse estado imprescindível que tem a posição do Outro na significação da minha existência é importante destacar a criação do Eu na teoria sartreana, sobre a qual comentamos brevemente no início deste artigo e voltamos a nos debruçar sobre esta temática a seguir.

### **O Eu transcendido na relação como Outro**

Bocca e Freitas (Inédito) expõe que Sartre se alicerça na teoria husserliana para instituir a sua teoria existencialista. Além-se primordialmente aos conceitos de Husserl a respeito da consciência intencional, fundamentando dessa maneira grande parte de sua filosofia de existência. Todavia, contrapõe-se ao pensamento de Husserl na questão do Eu transcendental, questão que abarcaremos a seguir.

Perdigão (1995) explicita que a consciência não tem sua base em um Eu interior, mas sim em uma consciência intencional, a que Sartre (2001) denominou de transcendência do Eu (Ego). Sendo essa consciência intencional, a mesma visa dar sentido aos objetos do exterior, em que podemos ilustrar por meio das vivências relacionais, que oferecem ao indivíduo a significação da consciência alheia.

Bocca e Freitas (Inédito) complementam dizendo que Sartre, com base nesse exposto, contrapõe-se a ideia de Husserl, no quesito de já residir na consciência um Ego, pois para ele, sendo o Eu um objeto que desperta interesse na

consciência, (o Eu) não pode estar dentro dela, mas sim fora, logo no mundo. Partindo deste raciocínio de Sartre (2001), fica fácil o entendimento de como as pessoas agem sobre o mundo, sendo que o significado de um acontecimento na vida da pessoa é percebido de maneira peculiar. Por ser uma consciência intencional, nossas escolhas sobre como significamos as coisas e as pessoas, se dão de maneira coerente com o nosso próprio interesse.

O primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber a consciência como consciência posicional do mundo. Toda consciência é posicional na medida em que se transcende para alcançar um objeto, e ela esgota-se nesta mesma: tudo quanto há de intenção na minha consciência atual está dirigida para o exterior [...]. (SARTRE, 2001, p.22)

Tal modificação exposta anteriormente realizada por Sartre (2001), contestando o pensamento de Husserl referente ao entendimento do Eu, ao ser direcionado à prática psicoterapêutica, exige uma posicionamento distinto em psicoterapia entre os psicólogos e os fenomenólogos, haja vista que o terapeuta não se atém apenas a como o cliente capta o mundo (interiorização do exterior), mas também, como age frente as situações por ele vivenciadas (exteriorização do interior).

Partindo da concepção do Eu transcendido e deste na relação com o Outro, estaremos a seguir, explorando esta temática contextualizada na relação terapêutica, temática principal de nossa reflexão.

### **O TERAPEUTA ENQUANTO O OUTRO QUE REVELA O EU DO CLIENTE**

Apoiando-se no existencialismo sartreano, compreendemos que o terapeuta existencialista se atém em como o cliente dá significado para suas vivências, bem como age sobre o mundo de acordo com as mesmas.

Perdigão (1995) enfatiza que para Sartre existe uma pré-disposição para que o homem reconheça o Outro enquanto Ser, sendo esta uma condição ontológica que se funde na relação. Tendo como base o fato de eu me conhecer através da relação que estabeleço com o Outro,

tendo a me ver como o Outro me vê, só assim me verei de fato na relação com tal pessoa, reconhecendo antes de qualquer análise ou julgamento, o como sou conhecido por ela. Sendo assim, a psicoterapia é mais um dos contextos que favorece este conhecimento e reconhecimento.

A Psicologia Clínica aparece como modelo da profissão devido a sua predominância durante muitos anos e também porque as outras áreas como Psicologia Jurídica, Hospitalar, do Esporte dentre outras surgiram somente no começo da década de 90 com a necessidade de mudanças nas relações sociais e das demandas do mercado de trabalho.

Segundo Schneider (2006) o domínio da Psicologia Clínica se deve muito à Psiquiatria, pois ambas tinham interesses em comum no cuidado dos desajustes dos indivíduos. No entanto, e em princípio, por serem profissões criadas no bojo do sistema capitalista, fundamentadas numa concepção do indivíduo que corroborava com os ideais liberais, cujas práticas eram mais desenvolvidas no setor privado da economia com o intuito de atenderem às necessidades de adaptação do homem a produção, reforçou-se uma imagem tanto da Psiquiatria, quanto da Psicologia Clínica, que seus atendimentos eram direcionados preferencialmente às classes hegemônicas.

Quanto ao modelo individualista de atendimento, Moreira et al. (2007) mencionam que teve origem com Freud quando este estabeleceu o segredo entre terapeuta e o indivíduo no processo terapêutico, inserindo assim, a Clínica no modelo individualista.

No entanto, conforme Schneider (2006), críticas voltadas a manutenção do *status quo* pela Psicologia Clínica, bem como seu entendimento sobre um indivíduo descontextualizado das questões históricas, sociais e dialéticas, foram essenciais para apurar a verdadeira função de um psicólogo na Psicologia Clínica e assim mudanças e muitas conquistas se tornaram possíveis, principalmente no trabalho mais importante que é a psicoterapia. Assim, a Psicologia que tem sua consistência no existencialismo de Jean-Paul Sartre, fundada nesse espaço epistemológico, teórico e ideológico específico, ostenta uma perspectiva histórica, dialética, social e não mentalista, o que muito propõe para a elevação dos embargos frente à Psicologia Clínica.

Na perspectiva da psicoterapia existencialista o foco se dá por intermédio do movimen-

to relacional, Eu – Outro, vivenciado no contexto terapêutico. A importância de se focar esta relação, segundo Lima (2008), teve sua origem nos conceitos do movimento Fenomenológico-Existencial e pelos valores procedentes do Humanismo que ascendiam novas maneiras da relação terapeuta-cliente. Portanto, o terapeuta fenomenológico-existencial procura compreender a pessoa do cliente, além de conduzi-lo a uma auto-conscientização para que ressignifique seu futuro, dessa forma aceitará a responsabilidade aliada à liberdade de comandar sua própria vida.

Para a realização da psicoterapia fenomenológico-existencial é necessário que seja feita uma análise completa e profunda do sujeito em que possa percebê-lo como um todo, e também a maneira como foi se escolhendo como existente, para que assim, possa resgatar seu projeto de Ser. Segundo Schneider (2006) é necessário uma minuciosa compreensão psicológica, pois só assim será possível saber as características a serem trabalhadas por meio da intervenção. Por intermédio da metodologia compreensiva, Sartre propicia ao terapeuta a clareza e segurança nas suas intervenções. Segundo essa mesma autora toda compreensão é imprescindível na psicoterapia, uma vez que permite um planejamento adequado, para distinguir os aspectos mais importantes para trabalhar na intervenção clínica, tornando possíveis as mudanças quando necessárias, com o intuito do cliente ostentar a responsabilidade de seu ser com sua autonomia e uma superação nos embargos da sua existência.

Conforme Erthal (1999) o princípio da psicoterapia existencialista é entender o cliente como um todo e não de maneira dicotomizada, com o objetivo de revelar seus comportamentos até atingir o projeto ou imagem que ele tem de si próprio e assim chegar a uma existência autêntica. A psicoterapia existencialista considera indispensável uma observação da vida do cliente, com todos os dados por ele passado, para então chegar até seu projeto original, para tanto é utilizado o método progressivo-regressivo proposto por Sartre (2002). Tal método visa compreender o homem em situação, sua realidade concreta, que representa a síntese totalizadora da relação dialética que estabelece com o mundo. Como colocam Maheirie e Pretto (2007, p. 460) o método:

[...] se constitui como uma forma de compre-

ender o sujeito, na medida em que busca se amparar em análises que percorrem as sínteses totalizadoras, tanto das singularidades como do coletivo. Visa o movimento de totalização histórica da singularidade na intersecção da totalidade histórica geral, uma esclarecendo a outra, ambas imbricadas, porém irreduzíveis, [...].

Prosseguem as mesmas autoras explicitando que a expectativa histórico-dialética apresenta o sujeito constituído com as relações que ele institui com o mundo, e não um sujeito já pronto, pois como ele é um projeto, não está determinado, ainda se faz e então se tornará o que fizer com o que fazem dele. Para se fazer no presente, ele tem o passado como base, que não pode ser esquecido, mas sim ressignificado e também pelo desejo do que não é, mas que virá a ser. No mesmo escopo é válido destacar que o cliente é o sujeito da sua vida, da sua história, caso contrário não existe a possibilidade dele se encontrar como ser humano, não se acomodando com o que os outros fazem dele, mas sim o que ele faz com o que os outros fazem dele.

A psicoterapia existencialista, utilizando-se do método progressivo-regressivo, poderá compreender, a partir do próprio homem, como é enquanto ser-no-mundo, existente e com capacidade de entender seu projeto de ser, pois o terapeuta existencialista ao conceber o homem na sua integralidade, dialético, histórico e social, não somente objetiva compreender como este homem compreende o mundo e a si, mas também como age sobre o mundo, transformando-o ou não e assim, a sua existência.

Partindo de tal movimento de compreensão direcionado à figura do cliente, é possível afirmar que o terapeuta porta-se como o Outro nessa relação. Falamos anteriormente que somente podemos nos conhecer por meio do Outro. Com o terapeuta, o cliente coloca também a maneira como escolhe ser no mundo, suas escolhas provocam vivências no terapeuta que busca trazer ao foco da consciência do cliente como este se mostra nesta relação, o que muito não deve fugir dos padrões das relações que trava além do *setting* terapêutico.

Enquanto um Ser também dialético, o terapeuta interioriza o que o cliente expressa verbalmente e não verbalmente, mas também, ao realizar a redução fenomenológica, o terapeuta deve suspender possíveis preconceitos capa-

zes de contaminar sua percepção do cliente. Ao intervir, exterioriza o que percebeu do cliente, buscando colocar a própria escolha do cliente enquanto foco de sua consciência. Conseguindo êxito com a intervenção, pode ser provocada uma atitude reflexiva do cliente. Não há como intento do terapeuta levar o cliente a um auto conhecimento, uma vez que conhecer algo é diferente de ter consciência de algo, é justamente a possibilidade da conscientização do Eu que o cliente escolheu para si, percebido antes pelo terapeuta, que direciona-se a intervenção.

Bocca e Freitas (Inédito) clarificam o escrito anterior dizendo que o conhecimento é uma das formas possíveis da consciência intencionalizar algo. Para que exista o conhecimento é preciso uma consciência que almeja este objetivo. Sabendo ser a consciência um vazio, necessariamente ela precisa do mundo para se compor e, conseqüentemente, o mundo para ser significado necessita da consciência. Dessa maneira, consciência e mundo encontram-se atrelados. Por meio da intencionalidade a consciência oferece sentido ao mundo. Partindo de Sartre a intencionalidade é a origem do estado transcendental da consciência.

É a consciência que permite a uniformidade e a personalidade do Eu de um sujeito, por ser este, tudo o que está posto no mundo, suscetível a apreensão e significação. As autoras acima (Inédito) complementam que a consciência que se encontra focada nos objetos, é uma consciência irreflexiva, não posicional de si. Esta apreensão do objeto não significa uma intencionalidade do Eu, pois está centrada no objeto. Como já colocamos, o Eu só pode ser agregado pela consciência por meio do ato reflexivo, pelo qual não apenas capta o objeto, mas o intenciona. É através do ato reflexivo que o Eu reveste-se de existência, real e transcendido.

Direcionando a visão do Eu ao processo terapêutico, é oportuno relatar que o cliente quando primeiramente expõe seus conteúdos, e enfatiza a posição do Outro tirando de si o posicionamento, utiliza-se da consciência impessoal, desprovido de qualquer traço subjetivo, com vista a uma maior objetividade e uma imparcialidade, não reflete qualquer particularidade, não intenciona um Eu, apenas o Outro, porém quando a consciência volta-se para si de maneira peculiar, abre espaço para o surgimento do Eu.

Quando o terapeuta se posiciona enquanto o Outro na relação, oferece ao cliente a

possibilidade de transcender a sua posição de impessoalidade, para a busca de intencionalidade do Eu, destacando que tal intencionalidade decorre a escolha, bem como a responsabilidade. Quando o cliente se apropria desse movimento de buscar intencionalidade do Eu, ele se permite experimentar novos caminhos e construir uma nova história.

Schneider (2005) colabora trazendo a importância da relação dialética entre os sujeitos, a qual compõe a construção da personalidade dos mesmos, solidificando assim a realidade humana. É imprescindível atentarmos a medição entre os indivíduos, a qual é fundamental nas relações, já que somos meios uns para os outros, na tentativa de realizarmos nosso Ser. Ao homem é entregue a condição de ser social, sem essência prévia, não consegue construir seu ser sem intermédio do Outro. Alcançando a compreensão de que o Outro é mediação para mim de forma similar realizo tal papel para ele.

Freitas (2009) debruça-se sobre a teoria sartreana a respeito do social e da sociabilidade, destacando que estes se diferenciam. É por intermédio da integração social que ocorre a procura pela determinação dos valores. O social alude que as verdades aparecem objetivas no mundo, e que devem determinar nossa existência. Enquanto a sociabilidade centra-se nas relações das consciências.

Atrelando a vivência psicoterápica, é válido destacar que o cliente, na maioria das vezes, se mostra ao terapeuta, como sujeito marcado pelas determinações sociais, mediante do lançar-se ao auto-conhecimento o cliente apreende essa verdade anteriormente implícita nas suas reflexões, haja vista que tal exteriorização aponta a passagem da consciência irreflexiva para a consciência reflexiva. Quando o cliente percebe-se envolto em tal contexto lhe é oferecida por meio de sua condição de liberdade a capacidade de transcendência dos parâmetros engendrados socialmente, isso se dá de maneira fluída quando a relação travada entre cliente e terapeuta se desenvolve de maneira autêntica, atentando-se a alteridade, o que possibilita ao primeiro transpor o social, partindo da sociabilidade caracterizada pela relação.

É importante ressaltar que este movimento pode enriquecer também as relações cotidianas. Pautadas essencialmente na autenticidade, alteridade, escuta e acolhimento, que permitem ao sujeito experimentar o alcance de

sua consciência, tendo em vista a postura do Outro enquanto primordial em tal constituição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que é imprescindível ter consciência de si a partir da presença do Outro, destacando que é na relação que alcanço a minha subjetividade quando sou significado pelo Outro e da mesma maneira significo a sua existência. Propomos com esta reflexão transitar neste campo relacional que permite contextualizar as figuras Eu – Outro. Explorando especificamente a literatura sartreana, nos focamos nos seus conceitos que abarcam tal relação. Atentamos para a relação terapeuta-cliente, pela qual o terapeuta posiciona-se como o outro na relação, reconhecendo a importância da alteridade e oferecendo ao cliente a possibilidade de se apropriar dos seus conteúdos anteriormente implícitos, através do avançar-se rumo a uma consciência de si.

Cabe aqui destacar que não é exclusivamente o papel de terapeuta que vai definir a eficácia na relação, mas sim a sua capacidade em reconhecer-se enquanto Outro, diferente do cliente, e ter a condição de mostrá-lo o que é percebido na redução. Yalom (2006) contribui expondo a primordialidade que acontece quando o terapeuta percebe o mundo da maneira como o cliente o vê. Assim como nas relações habituais, em que acontece o processo de tomada de consciência a partir da relação Eu-Outro.

Podemos trazer Descamps (1981) para ilustrar este contexto terapêutico relacional, que deve ser permeado pelo princípio da alteridade e da ética, quando menciona que “a relação com o Outro é a base de uma co-presença ética” (p.85). Ao contemplar a diferença, a diversidade, o terapeuta transcende seu individualismo para se reconhecer por meio do cliente e ajudá-lo a realizar o mesmo, enfim, somos seres sociais que interagimos e interdependemos do Outro.

No entanto, como o olhar do Outro é percebido muito mais como uma ameaça por ser aquele que coloca meu ser no mundo, que pode me julgar e petrificar, bem como, por também não haver uma cultura que facilite a transcendência dessa maneira de encarar o olhar alheio, exceto por meios de profissionais, principalmente de psicoterapeutas, perdemos muito com as relações cotidianas, em seu potencial de também poder propiciar a consciência e a transcen-

dência do Eu.

Se estar-sob-um-olhar não nos apresentasse como uma situação tão ameaçadora; se ser autêntico não fosse compreendido como uma atitude incomodativa, em função de denunciarmos com é o limite do Outro frente a mim; se estivéssemos mais acostumados a acolher do que julgar, a aceitar do que impor, a reconhecer o diferente; se compreendêssemos que precisamos do Outro sendo este fundamental para meu Ser, poderíamos em muito tirar proveito das relações cotidianas para conscientizarmo-nos sobre nossa síntese no mundo, e assim, apropriarmos-nos de nossa existência, tornando-a mais rica pela capacidade criativa de poder transcendê-la a cada relação.

### REFERÊNCIAS

- ANGERAMI, V. A. **Psicoterapia existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 3. ed. 2007.
- BOCCA, M. C.; FREITAS, S. M. P. O eu está no mundo! A psicoterapia existencialista como uma das vias para a consciência do eu. In: LAURINDO, M. C. (Org.). **Teorias psicológicas: a subjetividade abordada em seus vários enfoques**. Curitiba: Ed. Champagnat (no prelo).
- DESCAMPS, C. **As idéias filosóficas contemporâneas na França**. São Paulo: J. Zahar, 1991.
- ERTHAL, T. C. S. **Terapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FREITAS, S. M. P. O psicólogo do trabalho no mundo das práxis capitalistas: reflexões fenomenológicos-existenciais. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 15, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2009.
- FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- LIMA, B. F. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 14, n.1, p. 28-38, jan./jun. 2008.
- MAHEIRIE, K.; PRETTO, Z. O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. **Rev. Dep. Psicol.**,UFF vol.19 no.2 Niterói July/Dec. 2007
- O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. **Rev. Dep. Psicol. UFF**, v.19, n.2, Niterói, July/Dec. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200014&script=sci\\_arttext&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200014&script=sci_arttext&lng=en)>. Acesso em: 08 jun. 2010.
- MONTEAGUDO, R. Rousseau existencialista. **Trans/Form/Ação**, v. 27, n.1, Marília, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732004000100005&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732004000100005&lng=en&nrm=isso)>. Acesso em: 31 maio 2010.
- MOREIRA, J. O.; ROMAGNOLI, R. C.; NEVES, E. O. O Surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27, n. 4, p. 608-621, 2007.
- PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Crítica da razão dialética: teoria dos conjuntos práticos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SCHNEIDER, D. R. Dialogando com o existencialismo. **Revista Psicologia Brasil**, a. 3, p. 19-26, 2005.
- \_\_\_\_\_. Novas perspectivas para a psicologia clínica a partir das contribuições de J. P. Sartre. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v.10, n.1, p. 101-112, jan./jun. 2006.
- YALOM, I. D. **Os desafios da terapia**. Tradução Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

## **LA IMPORTANCIA DEL OTRO PARA LA AUTO-CONCIENCIA: EL PAPEL DEL PSICOTERAPEUTA**

**RESUMEN:** Este artículo busca realizar una reflexión sobre la importancia del papel del psicoterapeuta mientras el Otro en la psicoterapia existencialista. Su propio reconocimiento pasa antes por los ojos del otro, teniendo en cuenta que el hombre solo se apropia de su Ser a partir de la mirada de aquel que no es él mismo. En este artículo señala el lugar del psicoterapeuta mientras el Otro es capaz de facilitar la concientización del cliente en su Proyecto de Ser. Esta propuesta de reflexión viene de las discusiones en las orientaciones y prácticas de pasantía bajo supervisión en atendimento psicoterápico a adultos y personas mayores, en el año de 2010, mientras realización de la asignatura de Pasantía Bajo Supervisión Específica I, en el 4º año del curso de Psicología de la Universidade Paranaense (Unipar), campus Umuarama, Paraná/Brasil, donde buscamos profundización en la reflexión de la relación YO – OTRO dentro del espacio psicoterápico, a partir de la importancia de la figura del psicoterapeuta. Sin embargo, concluimos también, que, mismo con su gran importancia en ese contexto, el psicoterapeuta no es el único capaz de ayudar el cliente a obtener la conciencia reflexiva sobre las escojas que hace de sí mismo, pero por medio de esta relación específica, también se puede auxiliar el cliente a reconocerse a través de los ojos de otras personas con quienes interactúa en su vida diaria. Todavía, para tal hecho, se debe admitir la alteridad al reconocer las diferencias y diversidades de sí mismo (cliente) y los otros, bien como la interdependencia de sus relaciones. Así, podrá ampliar el contexto que propicia la concientización de su síntesis mientras existente.

**PALABRAS CLAVE:** El otro; Relación Terapéutica; Psicoterapia existencialista.